Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

Como morre um capitão (III)

Crónica O almoço de convívio de veteranos da companhia chega ao fim. Fico a saber como morreu o capitão. Falta saber como se explica termos arrastado uma despedida tão triste e tão bisonha do império

Por Paulo Faria

O almoço já terminou, os veteranos fumam no alpendre do restaurante, bebem um digestivo. Os mortos da guerra exigem que alguém conte as histórias deles, como partiram deste mundo, como se chamavam, onde repousam. Os vivos fazem-lhes a vontade.

Aurélio: "Outra data importante foi o dia 3 de Julho de 1972. Na companhia havia um furriel indiano, o Divate. Era o apelido dele. Não me pergunte o nome próprio, que eu não sei. Tinha feito o curso de furriel comigo, dormia na cama ao lado da minha em Necoleze, éramos muito amigos. Um outro furriel andava avariado da cabeça, meio maluco, não podia sair para o mato. E então o Divate, que tinha acabado de chegar de uma operação de cinco dias, teve de sair outra vez."

O furriel Jorge Fagundes aproveita a pausa para pegar no fio da história: "Lembro-me bem disso. Tinha ido a Nova Freixo buscar o dinheiro do pré, cheguei já de tarde, ia entregar o dinheiro ao sargento que fazia de tesoureiro, para fazer contas com ele, mal saltei da Berliet o capitão apareceu e disse-me: 'Rebentou uma mina na picada, morreu o Divate e um soldado, tem de sair com um pelotão para ir ajudar os outros.' As Berliets levavam a tropa até um certo ponto naquela picada, depois seguia-se a pé. O pelotão do Divate ia em fila indiana, um soldado pisou uma mina antipessoal. A mina estoirou, desfê-lo todo. Ficou que parecia um boneco, sem braços e sem pernas, só o tronco e a cabeça agarrada. O Divate ia à frente dele, já tinha passado sem pisar a mina, mas foi apanhado pelo sopro da explosão."

Aurélio completa: "O corpo não ficou esfacelado, tinha só um corte ao fundo das costas. Mas o estilhaço deve ter atravessado os órgãos vitais por ali acima e ele morreu logo. Ainda houve sete ou oito feridos."

Jorge retoma a narrativa: "Os feridos foram retirados de helicóptero, mas não levavam as armas nem as mochilas. Os que ficaram na picada não conseguiam carregar aquilo tudo, mais os dois mortos, por isso é que tivemos de os ir ajudar. Quando saímos de Necoleze para ir ao encontro deles já era tarde, umas quatro horas, anoiteceu quando ainda íamos na picada. Tivemos de acampar ali. Ninguém dormiu. Fiz uma escala com quartos de sentinela, mas ninguém dormiu. Já perto do amanhecer, ouvimos passos na picada. Alguns dos nossos ainda não tinham as armas carregadas, carregaram-nas logo. Quem vinha lá ouviu o barulho, desatou logo a fugir a sete pés. Não era malta da Frelimo, eram os milícias do chefe do posto de Necoleze que andavam a ver se apanhavam os gajos que tinham posto a mina. Como eles conheciam aquilo tudo, paravam nas aldeias e cada um trazia um cacho de bananas ao ombro para comer. Largaram a comida toda na fuga. Começámos a andar pela picada e só víamos cachos de bananas caídos por todo o lado.

Demorámos a chegar ao outro pelotão, porque tínhamos de picar tudo. Depois viemos com eles para trás, cada qual com duas mochilas ou duas G3 ao ombro, e os mortos em panos de tenda. O Divate ficou num caixão de chumbo no quartel, lá metido

Sacudir a água do capote

Durante mais de uma hora, parados junto ao carro, enquanto a noite cai, Aurélio Lobo conta-me em pormenor as manobras da hierarquia militar para sacudir a água do capote e o responsabilizar, a ele e a três outros furriéis milicianos da companhia, pelo sucedido

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

PAULO FARIA

Tivemos de acampar ali. Ninguém dormiu. Fiz uma escala com quartos de sentinela, mas ninguém dormiu. Já perto do amanhecer, ouvimos passos na picada. Alguns dos nossos ainda não tinham as armas carregadas, carregaram-nas logo. Quem vinha lá ouviu o barulho, desatou logo a fugir a sete pés

num barracão, ao lado do arsenal, quase dois meses, à espera de que o pai viesse para o funeral. Está lá sepultado em Necoleze, ao fundo da pista de aviação."

Três breves linhas

Jorge sopra o fumo do cigarro tranquilamente e acaba a história: "Quando se contaram as G3, faltava uma. Do comando do batalhão exigiram que encontrássemos a arma. Não queriam armas abandonadas. Tive de voltar ao local do rebentamento. Quando lá chegámos, tinham-se passado quinze dias, não se podia lá estar com o cheiro a carne podre. A explosão cuspiu a carne do soldado que ficou desfeito para os ramos das árvores ali à volta, estava lá pendurada, a apodrecer ao sol. Tapámos o nariz e a boca com os lenços para aguentar aquilo, fartámo-nos de procurar no meio do mato. Não podíamos voltar para o quartel de mãos a abanar. Encontrámos um resto do cano da G3 com um pedaço da culatra agarrada. Trouxemos aquilo para o quartel e comunicámos ao quartel-general que já não faltava nenhuma arma."

Não faltava nenhuma arma, mas faltava um homem. Dois, neste caso. O que mais me incomodou, quando consultei a história da unidade do batalhão do meu pai, no Arquivo Histórico Militar, foram as tabelas pormenorizadas no final de cada trimestre, a compilar todos os dados possíveis e imaginários sobre as baixas infligidas e o material capturado ao inimigo. Uma guerra de números, ridícula e sinistra, em que a morte de um soldado português é descrita em três breves linhas repletas de mentiras (um suicídio convertido em "acidente c/ arma de fogo", por exemplo), por contraste com a profusão de pormenores relativos a bodegas apanhadas ao inimigo. Num "golpe de mão", em Novembro de 68, capturaram-se "1 bornal, 1 saco de campanha, 3 cantis, 1 par de botas (fabricadas em Cuba) e 1 marmita (incompleta)". E ainda "1 H, 8 M e 8 C". Ou seja, um homem, oito mulheres e oito crianças. O espaço que cada coisa ocupa numa página diz tudo sobre as prioridades de quem escreve um documento, de quem conduz uma guerra. Talvez não seja possível conduzir uma guerra se um homem ocupar um espaço significativamente maior do que um par de botas de fabrico cubano.

Os veteranos despedem-se, metem-se nos carros, partem. Sigo Aurélio até junto do carro dele. Falta saber como morreu o primeiro capitão da companhia. Agora, que estamos sós, ele já me pode contar os pormenores.

"Foi outra data da minha comissão que me ficou gravada na memória, o dia 17 de Setembro de 1972, em Necoleze. Eram cinco da tarde, às quatro e meia tínhamos acabado o serviço daquele dia. O capitão gostava de tirar fotografias, andava pelo quartel com a sua máquina fotográfica. Fazia muitas vezes isso ao fim da tarde.

Um soldado negro estava bêbedo, o Florêncio. Já tinha havido problemas ao almoço com o oficial de dia, no refeitório dos soldados. Apercebemo-nos de que houve para lá uma altercação, mais barulho do que o habitual. Soubemos mais tarde que foi por causa do vinho. Esse tipo queria mais vinho do que o que foi para a mesa, o oficial não deixou. Mas ele tinha vinho na camarata ou foi ao aldeamento buscá-lo, embebedou-se na mesma. Nunca tinha havido problemas daqueles, nunca tinha havido nada. Nunca tinha havido uma discussão entre soldados e furriéis, entre furriéis e alferes, entre alferes e capitão, nunca tinha havido nada. Foi uma daquelas coisas que acontecem porque se calhar têm mesmo de acontecer. O capitão passou junto ao lugar onde eu estava sentado com os outros furriéis, em frente à nossa messe. Começámos a ouvir uma algazarra na camarata dos soldados. Vieram uns soldados avisar que o Florêncio andava com a arma. O capitão viu-o junto ao lugar onde estavam estacionadas as Berliets, ele tinha a G3 na mão e falava muito alto. Tinha todo o aspecto de um gajo que estava com os copos. Mas não deu tiro nenhum, começou a andar para o portão do quartel, sempre aos berros. O capitão avançou para ele e chamou: 'Ó Florêncio! Ó Florêncio! Onde é que tu vais? Ó Florêncio!' Mas o outro não se virou, não lhe ligou nenhuma. O capitão disse qualquer coisa imperceptível. Não sei se para o soldado foi perceptível, atenção. Penso que deve ter sido qualquer coisa do género: 'Olha, que se foda. Vai-se resolver de outra maneira.' Depois virou-lhe costas para se vir embora, e, nesse momento, o Florêncio virou-se também e disparou um tiro com a G3. Acertou nas costas do capitão, matou-o ali mesmo. Sabe como é naqueles filmes de *cowboys*, quando os gajos levam um tiro, ficam quietos um segundo ou dois e depois caem ao comprido que nem uma tábua? Foi assim mesmo que o capitão caiu. Nunca mais me esqueci. Sonhei muito com isso. Há alguns anos que não sonho, mas durante muito tempo tive pesadelos.

Ninguém pôde ir em socorro do capitão. Acho que ele morreu logo, de qualquer maneira. Mal vi aquilo, desatei a fugir. É que o tipo disparou o tiro que matou o capitão e depois continuou aos tiros com a G3. Aquilo era um carregador de vinte e cinco ou trinta balas. Corri para as traseiras da camarata, meti-me num buraco grande que havia lá no chão. Ficámos à espera de que ele disparasse tudo o que lhe apetecesse. Quando ele esvaziou o carregador, saiu do quartel a correr. Percebemos que tinha fugido para o aldeamento. Organizámos uma caça ao homem. Quem mata uma vez pode matar segunda.

Preparámo-nos como se fôssemos para uma operação no mato. Levámos as G3 carregadas, dividimo-nos em pelotões, cercámos o aldeamento. O Florêncio acabou por se entregar. Percebeu que não tinha hipótese, saiu lá da cubata de uma preta onde se tinha metido. Improvisámos um calabouço no quartel, ele ficou preso nessa noite, montámos guarda. No dia seguinte, veio o helicóptero buscá-lo, levaram-no para Nampula. Não faço ideia do que lhe aconteceu. Nunca mais o vimos."

Durante mais de uma hora, parados junto ao carro, enquanto a noite cai, Aurélio Lobo conta-me em pormenor as manobras da hierarquia militar para sacudir a água do capote e o responsabilizar, a ele e a três outros furriéis milicianos da companhia, pelo sucedido, e o modo como, por entre peripécias rocambolescas, com a ajuda do pai, agente da PSP com a quarta classe, ele e os outros se conseguiram livrar de apuros. Mas isso é uma outra história, uma aventura feita de vida, não uma fábula de morte, e, portanto, ficamo-nos por aqui.

Janeiro de 2024